

ILUSTRANDO DE VERMELHO: COMO A MÍDIA CONSTRÓI A IMAGEM DO PISA

Victor Henrique Tartari Dias, Márcia Aparecida Amador Mascia***

RESUMO

No atual cenário sociopolítico brasileiro, a discussão sobre o papel das avaliações externas e sua interferência na formação de políticas públicas educacionais tem sido cada vez mais presente. Este trabalho nasce do questionamento sobre como a avaliação do *Programme for International Student Assessment* (PISA) influencia a educação no Brasil e toma como perspectiva teórica a análise de discurso de linha francesa. A partir da pergunta de pesquisa, estabeleceu-se como objetivo geral refletir sobre a forma como a mídia representa e divulga os resultados das avaliações do PISA e como isso pode afetar a educação como um todo, no sentido de moldar as políticas públicas dos países que aplicam a prova, como o Brasil; como objetivos específicos, buscou-se levantar reportagens da Folha de São Paulo sobre a última avaliação do PISA, edição de 2018, e analisar discursivamente duas reportagens. O *corpus* escolhido para tal reflexão são duas reportagens do jornal Folha de São Paulo relacionadas à última edição do PISA em 2018. Mais do que divulgar os resultados e problematizar o futuro dos jovens brasileiros, o objetivo da prova é entender se os sistemas educacionais têm sido eficazes na formação de seus jovens. Para isso, realiza-se uma avaliação trianual com alunos de 15 anos, a fim de comparar o rendimento das economias que participam do PISA. Com o olhar da análise de discurso como fundação teórica, aponta-se o PISA como um dos instrumentos de objetivação que corrobora mudanças no atual cenário político da educação brasileira.

Palavras-chave: PISA; análise de discurso; políticas públicas; avaliação externa.

ILLUSTRATING IN RED: HOW MEDIA CONSTRUCTS THE IMAGE OF PISA

ABSTRACT

In the current Brazilian sociopolitical scenario, discussion of the role of external assessments and their interference in the formation of educational public policies has

* Graduando em Pedagogia, Universidade São Francisco, Itatiba (SP). Bolsista IC CNPq. ORCID: 0000-0001-8230-411X. Correio eletrônico: victor.htdias@gmail.com

** Pós-doutora em Educação pela Universidade de Wisconsin-Madison (EUA). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba (SP). Bolsista Produtividade CNPq. ORCID: 0000-0001-5305-7332. Correio eletrônico: marciaaam@uol.com.br

been increasingly present. This work arises from questioning how the PISA evaluation influences education in Brazil and takes the French perspective of discourse analysis as a theoretical perspective. Based on the research question, it was established as the main objective to reflect on how media represents and disseminates the results of PISA evaluations and how it can affect education as a whole, in order to shape public policies in the countries that apply the assessment, like Brazil, and as specific objective, to collect reports from Folha de São Paulo about the latest PISA evaluation, 2018 edition and analyze discursively 2 reports. The corpus chosen for this reflection are two reports from the Folha de São Paulo newspaper related to the last edition of PISA in 2018. More than disseminating the results and questioning the future of young Brazilians, the aim of the test is to understand whether the educational systems have been effective in training their young people. A three-year assessment is carried out with 15-year-old students, in order to compare the income of the economies that integrate PISA. With the view of discourse analysis as a theoretical foundation, the analysis points to PISA as one of the instruments of objectification that corroborates changes in the current political scenario of Brazilian education.

Keywords: PISA; discourse analysis; public policies; external assessments.

ILUSTRANDO EN ROJO: CÓMO CONSTRUYEN LOS MEDIOS LA IMAGEN DE PISA

RESUMEN

En el actual escenario sociopolítico brasileño, la discusión sobre el papel de las evaluaciones externas y su injerencia en la formación de las políticas públicas educativas ha estado cada vez más presente. Este trabajo surge del cuestionamiento de cómo el Programa para la Evaluación Internacional de Alumnos de la OCDE (PISA, por sus siglas en inglés) influye en la educación en Brasil y toma el análisis del discurso francés como perspectiva teórica. A partir de la pregunta de investigación, el objetivo general fue reflexionar sobre cómo los medios de comunicación representan y difunden los resultados de las evaluaciones del PISA y cómo esto puede afectar a la educación en su conjunto, con el fin de dar forma a las políticas públicas en países que aplican la prueba, como Brasil. Como objetivos específicos se propone levantar los informes de Folha de São Paulo sobre la última evaluación del PISA, edición 2018 y analizar discursivamente 2 informes. El corpus elegido para esta reflexión son dos informes del diario Folha de São Paulo relacionados con la última edición del PISA en 2018. Más que difundir los resultados y discutir el futuro de la juventud brasileña, el objetivo de esta evaluación es comprender si los sistemas educativos han sido eficaces en la formación de sus jóvenes. Para ello, se realiza una evaluación a cada tres años con alumnos de 15 años, con el fin de comparar el rendimiento de las economías que componen el PISA. Adoptando el análisis del discurso como fundamento teórico, el análisis apunta el PISA como uno de los instrumentos de objetivación que corrobora los cambios en el escenario político actual de la educación brasileña.

Palabras clave: PISA; análisis del discurso; políticas públicas; evaluación externa.

1 INTRODUÇÃO

O *Programme for International Student Assessment* (PISA) é uma avaliação internacional que compara a educação dos países, a fim de coletar informações sobre o desenvolvimento dos conhecimentos dos estudantes dentro e fora da escola. A prova é elaborada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com estudantes de quinze anos, envolvendo matemática, ciências e leitura.

A avaliação é realizada a cada três anos nessas áreas de domínio (matemática, ciências e leitura); no entanto, a cada edição uma das três áreas é a norteadora, ou seja, isso significa que os estudantes respondem a um maior número de itens no teste dessa área do conhecimento e que as questões se centralizam em informações relacionadas à matéria principal. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), junto à OCDE, desenvolve uma pesquisa amostral de larga escala buscando compreender o nível de eficiência dos sistemas de educação.

Levando em conta o contexto acima, este artigo tem como tema reportagens da mídia brasileira sobre os resultados do PISA, particularmente em um veículo principal: a Folha de São Paulo. Temos como objetivo geral entender como a mídia representa e divulga os resultados das avaliações do PISA e como isso atinge o público de forma imagética, no sentido de moldar as políticas públicas dos países que aplicam a prova, como o Brasil.

Os objetivos específicos consistem em levantar reportagens da Folha de São Paulo sobre a última avaliação do PISA, edição de 2018, escolher e analisar discursivamente duas reportagens.

Após a participação do Brasil na última edição do PISA em 2018, em que o país ocupou a 57.^a posição, muitos pesquisadores têm demonstrado que a educação ainda enfrenta sérios desafios. Desse modo, utilizar essa avaliação externa como instrumento de regulação é contraditório, pois ela não evidencia os diversos contextos que envolvem o processo educacional.

Assim, este artigo se justifica pela necessidade de melhor conhecermos as imagens discursivas que transitam no universo midiático sobre o PISA, enquanto instrumento de regulação para as políticas educacionais. Indaga-se, sob a lente da análise de discurso, acerca dos efeitos de sentido que envolvem esta avaliação.

Uma questão que mobiliza esta pesquisa é melhor entender como o PISA afeta a imagem da educação brasileira, interna e externamente. A partir disso, propõe-se a responder às seguintes perguntas: que tipo de reportagens são veiculadas sobre a prova do PISA?; Como a mídia contribui para construir uma identidade da educação brasileira?; Como as reportagens constroem discursivamente a relação aluno e professor?

Partindo-se do pressuposto de que a avaliação é única em nível internacional, e as questões são as mesmas, apenas sendo traduzidas para as línguas dos diversos países, toma-se como hipótese que isso afeta os resultados, pois ela não leva em conta as diversidades culturais e pedagógicas das nações, o que não é veiculado pela mídia.

Esse estudo consiste em uma pesquisa qualitativa na perspectiva interpretativa, a partir da qual serão analisadas as reportagens sobre o PISA 2018.

Trata-se de uma pesquisa documental, e os documentos são extraídos das reportagens escolhidas.

A análise se dará pela lente da análise do discurso de linha francesa, discutindo as principais representações das provas. Também tomaremos como fundamentação teórica trabalhos publicados sobre o PISA.

Partindo desses objetivos, este artigo está organizado em seções nas quais se contextualiza o PISA e o atual cenário do Brasil na avaliação e destaca-se a fundamentação teórica da análise de discurso. Por fim, realiza-se a análise e a discussão das reportagens selecionadas, encerrando-se com as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZANDO O PISA

O PISA é reconhecido por ser uma avaliação amostral internacional de larga escala que permite obter informações sobre os sistemas educacionais dos países participantes por meio de testes de habilidades e conhecimentos aplicados aos estudantes com quinze anos de idade e que estão se aproximando do fim da educação formal compulsória na maioria dos países participantes. Assim, o teste busca avaliar até que ponto os estudantes adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para plena participação na vida social e econômica (BRASIL, 2018).

No ano de 2000, foram iniciadas essas avaliações, abrangendo três áreas do conhecimento (leitura, matemática e ciências). Há uma ênfase por área a cada ano de aplicação, sendo avaliado um domínio principal, o que significa que os estudantes respondem a um maior número de itens no teste dessa área do conhecimento e que os questionários se centralizam na coleta de informações relacionadas à aprendizagem nesse domínio. O objetivo dessas avaliações é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes e subsidiem políticas públicas de melhoria no ensino básico.

Para justificar seu objetivo, o INEP criou um vídeo intitulado *Como funciona o PISA* (BRASIL, 2020), divulgado em sua página, no qual se diz que o objetivo do PISA não é ranquear os países participantes, mas revelar se os sistemas educacionais estão se tornando mais ou menos eficientes, procurando desenvolver indicadores que contribuam para discussões referentes a melhorias de políticas públicas.

Para isso, as provas são elaboradas de forma dinâmica através do método Teoria de Resposta ao Item (TRI), procurando ir além do conhecimento escolar e examinar a capacidade de análise dos alunos, o raciocínio e a reflexão ativa sobre seus conhecimentos e experiências, enfocando competências que são relevantes para suas vidas futuras na solução de problemas do dia a dia.

Para obter informações contextuais, o PISA aplicou questionários aos alunos, pais e equipe escolar de cada escola participante. As respostas aos questionários foram analisadas com os resultados da avaliação para fornecer uma visão mais ampla do desempenho dos estudantes, da escola e do sistema, os questionários coletaram informações e um perfil básico de conhecimento e habilidades dos estudantes:

- a) indicadores derivados de questionários que mostram como tais habilidades estão relacionadas a variáveis demográficas, sociais, econômicas e educacionais;
- b) indicadores de tendências que acompanham o desempenho dos estudantes e monitoram os sistemas educacionais ao longo do tempo.

Na última edição do PISA, em 2018, foram incluídos mais três formulários opcionais sobre tecnologia da informação, família, carreira educacional e bem-estar. Para melhor comparar o desempenho dos alunos, o PISA tem como alvo alunos entre quinze anos e três meses e dezesseis anos e dois meses e que completaram pelo menos seis anos de escolaridade formal.

A escolha desse grupo relaciona-se ao fato de ele estar próximo de concluir a fase de “educação obrigatória”. Assim, o teste busca avaliar até que ponto os estudantes desta idade adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para plena participação na vida social e econômica (BRASIL, 2018).

Estes resultados e análises têm sido usados como instrumentos de trabalho para alteração de políticas educativas, proporcionando assim uma formação mais efetiva dos estudantes para a vida futura e a participação na sociedade. O PISA tornou-se referência na avaliação em larga escala no contexto mundial. Desde sua primeira edição, em 2000, o número de países e economias participantes tem aumentado.

3 O BRASIL NO PISA

A participação do Brasil acontece desde sua primeira edição, em 2000, sendo o INEP o órgão responsável pelo planejamento e operacionalização dessa avaliação no país. Em meio às diferenças políticas, sociais, culturais e econômicas que a própria OCDE reúne e apresenta entre os países participantes, é possível identificar também inúmeras semelhanças. Foi assim que, em 2005, o Brasil se reuniu com países como México, Uruguai, Portugal e Espanha para formar o Grupo Iberoamericano do PISA (GIP), trabalhando colaborativamente suas experiências com a implementação da avaliação.

Em 2018, participaram do PISA 37 países membros da OCDE e 42 países parceiros. Dentro desse quadro, encontram-se economias que não podem ser consideradas como países; entre elas, destacam-se algumas províncias da China, além de Hong Kong e Macau. A participação do Brasil no ciclo de 2018 “[...] contou com uma amostra de 597 escolas e 10.691 estudantes avaliados.” (BRASIL, 2018, p. 29). Em 2018 houve uma diminuição da amostragem, 46% a menos quando se compara à edição de 2015; entretanto, apesar de abranger um número menor de alunos avaliados, houve um pequeno aumento na média geral de cada área, como se pode verificar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Média geral do Brasil no PISA de 2000 a 2018

	2000	2003	2006	2009	2012	2015	2018
Alunos avaliados	4.893	4.452	9.295	20.127	18.289	23.141	10.691
Leitura	396	403	393	412	410	407	413
Matemática	334	356	370	386	391	377	384
Ciências	375	390	390	405	405	401	404

Fonte: elaborada pelos autores a partir de Brasil (2018) e Veja... (2019).

Tomando como base os resultados do PISA em 2018, os estudantes obtiveram 404 pontos em ciências, 413 em leitura e em matemática 384 pontos. O desempenho dos estudantes brasileiros sempre esteve abaixo da média quando comparado ao resultado dos outros países.

4 ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme as concepções sobre o PISA, iremos refletir, sob a ótica da análise de discurso de linha francesa, acerca das questões inerentes à prova e buscar compreender quais são os sentidos que transitam na mídia sobre esta avaliação.

A análise de discurso nasce a partir dos estudos sobre a linguagem, marcada pela língua enquanto sistema de signos, e a linguística, como sistemas de regras formais, em suas manifestações no processo sócio-histórico. A palavra como signo foi se modificando e justamente por causa dessas transformações é que nasce a análise de discurso.

Segundo Orlandi (1999), não se trata da língua nem da gramática, embora estejam relacionadas, mas do discurso, que, epistemologicamente, tem a ideia de curso, da palavra em movimento, de prática de linguagem. Procura-se compreender a língua fazendo sentido, como símbolo de manifestação do homem em seu processo histórico, observando o homem falando.

Por esse tipo de estudo, pode-se conhecer melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 1999).

Assim, entende-se que a análise vai além da fala do sujeito, sendo colocado como objeto o discurso na produção de sentido atribuído a este. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

Observamos que, durante nosso cotidiano, os debates são marcados pela oposição do outro sobre um tema, e isso revela lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, materializando a linguagem como expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material.

Para exemplificar essas considerações, observemos o emprego dos substantivos ocupação e invasão em revistas e jornais que circulam em nosso cotidiano. Tais substantivos são constantemente encontrados em reportagens e/ou entrevistas que versam sobre os movimentos dos trabalhadores rurais Sem-Terra e revelam diferentes discursos que se opõem e se contestam. Em torno do Sem-Terra, ocupação é empregado pelos próprios Sem-Terra, e por aqueles que os apoiam e os defendem, para designar a utilização de algo obsoleto, até então não utilizado, no caso, a terra. Invasão, referindo-se à mesma ação, é empregado por aqueles que se opõem aos Sem-Terra, contestam-nos, e designa um ato ilegal, considera os sujeitos em questão como criminosos, invasores. (FERNANDES, 2010, p. 12).

Vale ressaltar sobre o trecho citado que os termos vão além do seu significado mais comum e assumem um caráter ideológico. Entendendo a palavra invasão para ambos os casos da situação, nota-se que a palavra carrega um signo diferente para os sujeitos e que esses sentidos, e não o significado da palavra

apenas, são produzidos em relação à ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem o meio político e social no qual estão inseridos.

Estas reflexões dão base para compreender o sujeito em um espaço socioideológico, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido nas práticas dos sujeitos condicionando a autonomia do objeto linguístico.

Ao pensarmos nas concepções que envolvem a análise de discurso, considera-se que o sujeito que (re)produz o discurso não é necessariamente o sujeito individual, o ser pensante como um ser empírico, mas também não nega a sua existência. Com isso, entende-se que o sujeito discursivo é, segundo Fernandes (2010), um sujeito não fundamentado em uma individualidade, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história. Este sujeito é marcado pelo seu valor histórico, em que a sua voz carrega um valor que se expressa em outras vozes.

Segundo Ferreira (2001, p. 21), entende-se que, como

Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso.

Para a compreensão do sujeito nessa perspectiva, verificaremos como o sujeito pode ser apreendido e analisado a partir dos discursos. Dada a sua compreensão, o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em seu discurso como resultado de sua história, de sua língua, e sobretudo de como se relaciona com tudo aquilo que está dentro e fora de si.

Contudo, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos, em sua voz, diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos (FERNANDES, 2010).

Isso evidencia que o discurso não é o objeto do sujeito, e sim o sujeito torna-se objeto do discurso, construído a partir dos discursos. A ideologia inconsciente é que o sujeito; ao ser constituído pela linguagem, encontra nela a sua identidade, e disso ocorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O objeto de análise são as reportagens encontradas no veículo midiático Folha de São Paulo sobre os resultados do PISA-Brasil, mais particularmente da prova aplicada em 2018.

O jornal acompanha a avaliação desde o início nos anos 2000, já tendo publicado aproximadamente mais de 100 reportagens referentes ao PISA, que, com o passar do tempo, deixou de ser pauta e se tornou uma justificativa para as discussões sobre a educação.

Na última edição do PISA, cujos resultados foram divulgados em final de novembro e início de dezembro de 2019, a Folha de São Paulo publicou 15 repor-

tagens. Dentre essas, foram escolhidas 2 reportagens para ser realizada a análise discursiva: *Veja a evolução do Brasil no PISA desde 2000* e *Aluno no Brasil mais falta e perde tempo de aula com bagunça*.

As reportagens escolhidas para serem analisadas e que foram publicadas na Folha de São Paulo sobre a última edição do PISA 2018 discutem a posição do Brasil na avaliação. Apresentando o panorama das reportagens, temos um infográfico dos resultados da prova, a efetividade dos alunos em sala de aula e por fim uma fala do ex-ministro da Educação sobre a participação do Brasil.

Nos tópicos a seguir, serão apresentados o contexto do jornal em que essas reportagens estão inseridas, a primeira página e a posição dentro do jornal. Na sequência, partimos para a análise dos discursos das reportagens propriamente ditas, buscando problematizar o conteúdo em termos textuais.

5.1 Primeira página

A edição de número n.º 33.117 da Folha de São Paulo foi lançada em 4 de dezembro de 2019 em *standard*, tendo como manchete o aumento do PIB de 3% no setor privado e junto há um infográfico. Também dá destaque a um novo ponto turístico no Rio de Janeiro, do qual o jornal traz uma imagem (uma roda gigante próxima à ponte Rio-Niterói), que ocupa o centro da página. O jornal segue apresentando um recorte do lado esquerdo com as seções Cotidiano, Ilustrada, Esporte e Editorial. Ao centro, abaixo da imagem, segue com a reportagem na qual a Anvisa aprova a venda de produtos com cânabis, logo abaixo uma imagem referente à propaganda de um carro e, ao lado direito, notícias políticas. O jornal não destaca a reportagem do PISA, que é o objeto de análise desta pesquisa.

5.2 Posição no jornal

Esta edição está dividida em seção A, B e C, sendo que, na seção A, encontram-se as colunas de opinião, poder, propagandas, mundo e mercado. Na seção B, saúde, cotidiano, esporte e folha corrida. A seção C é composta

Figura 1 – Primeira página da edição n.º 33.117 da Folha de São Paulo, de 4 de dezembro de 2019



Fonte: Primeira... (2019).

pela ilustrada; para fechar o jornal, retoma as notícias da seção B. Sobre a reportagem desta pesquisa, ela se encontra na seção cotidiano, nas páginas 30 e 31. Nestas páginas, há 4 colunas e um infográfico, sendo duas que discutem o PISA e também a fala do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub sobre o resultado da avaliação. Também há uma coluna a respeito da violência contra a mulher, e uma coluna sobre ambiente, que traz a concessão de Bolsonaro sobre a estatização de três parques nacionais.

Figura 2 – Infográfico extraído da página 30 da edição n.º 33.117 da Folha de São Paulo, de 4 de dezembro de 2019



Fonte: Veja... (2019).

5.3 Veja a evolução do PISA desde 2000

Ao chegar às páginas do *corpus* de pesquisa, o que mais chama a atenção é o infográfico que apresenta o resultado final da avaliação do PISA desde 2000. Está dividido por edição, sendo representado por colunas, elencando os países que participaram por ordem de pontuação, da maior nota à menor. Também em destaque a descrição dos países: a colocação da posição junto a um símbolo que expressa o PIB *per capita* do país, o nome do país e um símbolo criado pelo jornal para classificar o continente ao qual o país pertence. Junto a isso, há um símbolo

que distingue qual foi a área avaliada, sendo um espectro de três tons de azul; não se encontra nota atribuída, essa informação é expressa pelo tamanho da barra. Outro detalhe que chama atenção é a relação criada entre uma coluna e outra em que são apontadas as diferenças de cada edição.

O efeito de sentido que é representado neste infográfico é o de competitividade, pois apresenta a pontuação dos países participantes por meio de um *ranking*, o que denuncia o caráter principal do PISA.

5.4 Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça

Na outra página, inicia-se a discussão relacionada ao PISA, sendo discutida a assiduidade e a postura dos alunos em sala de aula, outro fator que é avaliado. O título está em negrito e junto à introdução que completa o tema da coluna. A reportagem é assinada por Angela Pinho, jornalista graduada pela USP, repórter da Folha de São Paulo que cobre políticas públicas, em especial Educação.

5.5 O título e introdução

Figura 3 – Título da reportagem *Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça*, da Folha de São Paulo, de 4 de dezembro de 2019



Fonte: Pinho (2019).

O efeito de sentido atribuído ao título responsabiliza os alunos brasileiros pela nota alcançada, não retratando o fator socioemocional como um item de avaliação, essa informação vem no corpo da notícia. Também utiliza a introdução para reiterar essa afirmação, comparando os estudantes brasileiros com os de outros países, reforçando a ideia de competitividade. Junto a isso, a reportagem cria um cenário da educação no país marcado pelo desinteresse dos estudantes, promovendo um clima escolar de violência e apatia.

5.6 Reportagem transcrita

Figura 4 – Reportagem *Aluno no Brasil falta mais e perde tempo de aula com bagunça*, da Folha de São Paulo, de 4 de dezembro de 2019

Angela Pinho

SÃO PAULO Alunos do Brasil faltam mais na escola e perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do Pisa, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem "sempre tristes".

As conclusões podem ser obtidas pelas respostas dos alunos no questionário que acompanha a prova. Aplicada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, ela avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões.

O exame abrange as áreas de leitura, destaque do relatório deste ano, matemática e ciências.

Segundo o relatório, 41% dos alunos brasileiros relataram que nas aulas de linguagem (no caso, óbvio, o português), o professor tem que esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos. Eles alcançaram 19 pontos a menos na prova de leitura do que os estudantes que declaram que isso ou não acontece

nunca ou ocorre raramente.

A média de alunos dos países da OCDE que registraram a mesma constatação é de 26%.

O resultado contribuiu para que o Brasil fosse classificado como um dos países com pior clima disciplinar, ao lado de Argentina, Grécia e Espanha.

Outra disparidade do Brasil em relação aos países da OCDE são as faltas: metade dos alunos não foi a algum dia à escola nas duas semanas anteriores ao Pisa. A média da organização é menos da metade: 21%.

Por outro lado, o país se junta aos EUA e ao Reino Unido como um dos países em que há mais competição do que colaboração na escola, ao contrário de Alemanha, Dinamarca, Holanda e Japão.

A proporção de brasileiros que diz que seus colegas cooperam uns com os outros é de 62%, e a dos que dizem competir, de 37%. Ambas são maiores que as da média da OCDE.

Por outro lado, a parcela de alunos sem autoconfiança é maior. No Brasil, 77% acham que conseguem normalmente achar saída para situações difíceis. Na OCDE, são 84%.

No recorte de gênero, é possível perceber que as meninas são, em geral, menos competitivas e mais motivadas que os meninos, segundo o relatório. E, embora tenham de-

sempenho superior em leitura e semelhante em ciência, a boa performance e superior não impede que elas tenham mais medo de falhar, segundo as conclusões da avaliação.

Há outros índices de piora no clima escolar. Considerando meninos e meninas, o relatório mostra que a satisfação dos adolescentes de 15 anos com a vida diminuiu no mundo, em média 0,3 ponto em escala de 0 a 10, 0,05 ponto em países como Brasil, onde chegou a 7,05, EUA (6,75), Japão (6,88) e Reino Unido, que teve a queda mais drástica, de 0,81, caindo para 6,16.

A falta de alunos brasileiros que declara se sentir sempre triste é mais que o dobro da média da OCDE: 13% do total, contra 6%, só menor que as de Brunei, Macau e Malásia.

O índice de pessoas que sofre bullying também cresceu no Brasil, assim como na Colômbia e na República Dominicana. Os alunos que disseram sofrer a prática algumas vezes por mês foram de 17,6%, em 2015, para 29% em 2018.

Nem tudo, porém, são más notícias: 83% dos alunos brasileiros relataram que seu professor demonstra satisfação em ensinar, mais do que a média de 74%. O interesse da educação está relacionado a maiores notas no mundo todo.

Fonte: Pinho (2019).

Alunos no Brasil faltam mais na escola e perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do PISA, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem "sempre tristes".

As conclusões podem ser obtidas pelas respostas dos alunos no questionário que acompanha a prova. Aplicada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a cada três anos, ela avaliou em 2018 alunos de 15 anos de 79 países ou regiões.

O exame abrange as áreas de leitura, destaque do relatório deste ano, matemática e ciências.

Segundo o relatório, 41% dos alunos brasileiros relataram que nas aulas de linguagem (no caso, óbvio, o português), o professor tem que esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos. Eles alcançaram 19 pontos a menos na prova de leitura do que estudantes que declaram que isso ou não acontece nunca ou ocorre raramente.

A média de alunos dos países da OCDE que registraram a mesma constatação é de 26%.

O resultado contribuiu para que o Brasil fosse classificado como um dos países com pior clima disciplinar, ao lado de Argentina, Grécia e Espanha.

Outra disparidade do Brasil em relação aos países da OCDE são as faltas: metade dos alunos não foi algum dia à escola nas duas semanas anteriores ao PISA. A média da organização é menos da metade: 21%.

Por outro lado, o país se junta aos EUA e ao Reino Unido como um dos países em que há mais competição do que colaboração na escola, ao contrário de Alemanha, Dinamarca, Holanda e Japão.

A proporção de brasileiros que diz que seus colegas cooperam uns com os outros é de 62%, e a dos que dizem competir, de 57%. Ambas são maiores que as da média da OCDE.

Por outro lado, a parcela de alunos sem autoconfiança é maior. No Brasil, 77% acham que conseguem normalmente achar a saída para situações difíceis. Na OCDE, são 84%.

No recorte de gênero, é possível perceber que as meninas são, em geral, menos competitivas e mais motivadas que os meninos, segundo o relatório. E, embora tenham desempenho superior em leitura e semelhante em ciência, a boa performance superior não impede que elas tenham mais medo de falhar, segundo as conclusões da avaliação.

Há outros indícios de piora no clima escolar. Considerando meninos e meninas, o relatório mostra que a satisfação dos adolescentes de 15 anos com a vida diminuiu no mundo, em média 0,3 ponto em escala de 0 a 10, e 0,5 ponto em países como Brasil, onde chegou a 7,05, EUA (6,75), Japão (6,18) e Reino Unido, que teve a queda mais drástica, de 0,81, caindo para 6,16.

A fatia de alunos brasileiros que declara se sentir sempre triste é mais que o dobro da média da OCDE: 13% do total, contra 6%, só menor que as de Brunei, Macau e Malásia.

O índice de pessoas que sofre *bullying* também cresceu no Brasil, assim como na Colômbia e na República Dominicana. Os alunos que disseram sofrer a prática algumas vezes por mês foram de 17,5%, em 2015, para 29% em 2018.

Nem tudo, porém, são más notícias: 83% dos alunos brasileiros relataram que seu professor demonstra satisfação em lecionar, mais do que a média de 74%. O interesse do educador está relacionado a maiores notas no mundo todo.

Essa reportagem provoca uma reflexão sobre como se encontra a educação em nosso país. O texto acentua a ideia de um clima escolar de desinteresse dos alunos, sem abranger todo contexto social que atravessa o cotidiano dos alunos brasileiros. Também os dados obtidos pela avaliação são apontados na reportagem sem uma explicação sobre a intenção do exame ou acerca do funcionamento do PISA.

O texto reforça a ideia de competitividade, conforme analisado por Clivatti (2018), utilizando termos que vão ilustrando uma imagem negativa de uma equiparação aos demais competidores. Com os termos “perdem mais tempo” e “esperar longo tempo para os estudantes ficarem quietos”, a autora começa a criar uma responsabilidade dos alunos na nota alcançada do país. Continuando para dar cores a esta ilustração, a autora aponta “menos confiança em sua capacidade”, “cooperam menos que os outros” e o aumento de “casos de *bullying*”, que fazem aprofundar o sentido de incapacidade dos alunos brasileiros. Sobre o *bullying*, a autora acentua um despreparo de toda a gestão escolar, pois entende que, se há

mais violência na escola, deve-se questionar o papel desta. Desse contexto resultam estudantes que se sentem “sempre tristes”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse cenário, nota-se que as escolhas da Folha de São Paulo referentes a texto e símbolos remetem à ideia de um Brasil sem avanço, visto que, em cada edição, o programa amplia o contexto de análise. Também é ignorado pelo jornal o contexto social, político e social que estamos vivendo.

Para compreendermos o resultado, é preciso um retorno aos questionamentos que nortearam este artigo: que tipos de reportagens são veiculadas sobre a prova do PISA? Com um teor sensacionalista sobre a avaliação, o jornal ignora todo o contexto que envolve o Brasil no programa e estabelece comparação com as diversas nações participantes do PISA, desconsiderando os fatores social, político, econômico e educacional dos países.

Como a mídia contribui para construir uma identidade da educação brasileira? Utilizando recursos de símbolos, como a cor vermelha, para sinalizar o Brasil no infográfico criado, sendo a mesma cor que simboliza o mau desempenho de um aluno na escola. Com um discurso de competitividade, o jornal apresenta o cenário através de um *ranking* que concebe a ideia de competição, visto que a intenção da avaliação é promover um estudo sobre a qualificação dos sistemas de educação, o que para o leitor foge da concepção do PISA.

E como as reportagens constroem discursivamente o papel de aluno e professor? Após mostrar dados não tão esclarecidos sobre o PISA desde o início do programa, o jornal opta por trazer em seguida um texto indicando a relação alunos e professores, no qual responsabiliza o aluno pelo mau desempenho no PISA e generaliza uma concepção de incapacidade das gestões escolares em relação aos alunos mais violentos.

Ainda não podemos dizer que aqui se encontram todas as respostas, mas buscamos refletir sobre como a mídia influencia a imagem da educação. Relacionando as reportagens do objeto de estudo como um todo, nota-se que as notícias referentes ao PISA ou mesmo sobre a Educação carregam um teor sensacionalista, e, em muitas, nota-se um discurso cético, dando a sensação ao leitor de um cenário de ineficiência do nosso sistema educacional. Com o desenrolar das reportagens, aos poucos, a figura vai tomando forma e ganhando cor, construindo uma imagem pessimista da educação brasileira através dos ditos e não ditos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Como o Pisa funciona?*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. *PISA 2018: relatório nacional*. Brasília, DF: INEP/MEC, 2018.

CLIVATTI, D. B. S. *O PISA e o quarto poder: uma análise dos discursos e objetivações da mídia sobre a educação no Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2010.

FERREIRA, M. C. L. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras (UFRGS), 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 1999.

PINHO, Ângela. Aluno no Brasil mais falta e perde tempo de aula com bagunça. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 33.117, 4 dez. 2019. Caderno Educação.

PRIMEIRA página. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 33.117, 4 dez. 2019.

VEJA a evolução do Brasil no PISA desde 2000. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 33.117, 4 dez. 2019. Caderno Educação, p. 30.

Recebido em: 30 jul. 2021.

Aceito em: 17 jan. 2022.